



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

## GÊNERO DIGITAL *MEME* COMO FERRAMENTA MULTIMODAL DE ENSINO

*Digital genre meme as a multimodal teaching tool*

Fagner Menezes de, OLIVEIRA (UFAC)<sup>1</sup>

Giovanna Santos de, SOUZA (UFAC)<sup>2</sup>

Larissa Fernanda Crispim, SANTANA (UFAC)<sup>3</sup>

Grassinete Carioca de Albuquerque, OLIVEIRA (UFAC/Geadel/PUC/SP)<sup>4</sup>

### RESUMO

Acompanhando o pensamento de Bakhtin (2003) de que as esferas de atividade humana originam novos gêneros, as mudanças ocorridas na sociedade com o advento das tecnologias possibilitaram novas formas de interação, envolvendo e incorporando alguns gêneros discursivos nas relações sociais estabelecidas dentro e fora do meio digital. Esse quadro estendeu-se para a esfera escolar e, mesmo que não tenha se tornado uma prática efetiva, os multiletramentos são explorados no processo de ensino-aprendizagem (ORLANDO; FERREIRA, 2013). Nesse sentido, este artigo propõe fazer uma análise teórica da utilização do gênero digital *meme* como ferramenta multimodal de ensino no meio educacional. Traçando uma abordagem teórica de concepções acerca de gênero (BAKHTIN, 2003), sentido (KOCH, 2003), letramentos e multiletramentos (ORLANDO; FERREIRA, 2013), almeja-se a compreensão das possibilidades de utilização dos *memes* como elementos auxiliares tanto para a interpretação textual, quanto para a formação do pensamento crítico dos alunos enquanto leitores.

**Palavras-Chave:** Multiletramentos; gênero digital; meme.

### ABSTRACT

*Following Bakhtin's (2003) thought that the spheres of human activity give rise to new genres, the changes that occurred in society with the advent of technologies enabled new forms of interaction, involving and incorporating some discursive genres in social relations established within and outside the environment. digital. This framework*

<sup>1</sup> Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Licenciatura em Letras Inglês; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9243-3377>; email: [fagner.oliveira@sou.ufac.br](mailto:fagner.oliveira@sou.ufac.br).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Licenciatura em Letras Inglês; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3650-2817>; email: [giovanna.santos@sou.ufac.br](mailto:giovanna.santos@sou.ufac.br).

<sup>3</sup> Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Licenciatura em Letras Inglês; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9990-9841>; email: [larissa.santana@sou.ufac.br](mailto:larissa.santana@sou.ufac.br).

<sup>4</sup> Universidade Federal do Acre, Acre, Brasil. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2765-8705>; email: [grassinete.albuquerque@ufac.br](mailto:grassinete.albuquerque@ufac.br).

*extended to the school sphere and, even though it has not become an effective practice, multiliteracies are explored in the teaching-learning process (ORLANDO; FERREIRA, 2013). In this sense, this article proposes to make a theoretical analysis of the use of the digital meme genre as a multimodal teaching tool in the educational environment. Drawing a theoretical approach to conceptions about gender (BAKHTIN, 2003), meaning (KOCH, 2003), literacy and multiliteracies (ORLANDO; FERREIRA, 2013), the aim is to understand the possibilities of using memes as auxiliary elements for both textual interpretation, as for the formation of critical thinking of students as readers*

**Keywords:** *Multiliteracies; digital gender; meme.*

## 1. Introdução

A condição multiforme da atividade humana – caracterizada por estar em constante desenvolvimento e transformação ao envolver questões sociais, culturais, econômicas e políticas – possibilita o surgimento de novas ideias, formas de comunicação, expressão e, por conseguinte, uma diversidade de gêneros manifestados como categorias textual-discursivas (BAKHTIN, 2003). Isso pode ser compreendido através das perspectivas de Bakhtin (2003) quanto às influências das esferas de atividade humana sobre os gêneros, onde se propõe uma visão destes ligada ao uso da linguagem, seja ela oral ou escrita – e aqui ampliamos para multimodais amparados em Orlando & Ferreira (2013).

Segundo o supracitado autor, a produção de enunciados é particular a cada indivíduo. Contudo, ao compreender-se suas condições e finalidades em conjunto ao campo de atividade humana no qual cada um está inserido, é possível perceber uma estabilidade relativa desses – de temática, estilo, e construção composicional, por exemplo. Assim, a diversidade dos gêneros do discurso consiste não somente na infinidade e multiformidade das atividades humanas, como também na forma em que se desenvolvem e complexificam dentro desses campos (BAKHTIN, 2003).

Dialogando com essa concepção, o advento e desenvolvimento das tecnologias – como computadores, smartphones, tablets, entre outros –, possibilitam a ascensão do meio digital na sociedade e o surgimento de novas formas de expressão manifestadas, principalmente, nas mídias e redes sociais, por meio dos gêneros digitais. De acordo com Oliveira *et al.* (2017, p.62), “as pessoas estão ficando cada vez mais ‘visuais’ e essa comunicação por meio de [...] gêneros multimodais [...] teve um aumento [...] no cotidiano das pessoas”.

Essa questão se incorpora no contexto da educação à medida em que se faz necessária a implementação de multiletramentos no processo de ensino-aprendizagem, para que as mudanças sociais ocorridas com o aperfeiçoamento das tecnologias sejam trabalhadas por meio de atividades de leitura e produção de textos, onde o aluno utilize dos mais variados meios semióticos, levando em consideração os valores políticos, sociais, econômicos e morais presentes nesse processo (ORLANDO; FERREIRA, 2013).

Seguindo essa ótica dos (multi)letramentos, os Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa, reconhecem a necessidade da escola “viabilizar o acesso do aluno ao universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los” (BRASIL, 1997, p.26). Em adesão, a Base Nacional Comum Curricular (2018, p. 69) prescreve a necessidade da inserção dos novos letramentos no cenário educacional, não como forma de desvalorizar os “gêneros e práticas” já habituais nesse meio, mas sim de ampliar as abordagens para o meio digital.

Acrescentando, ainda, a existência de uma demanda sobre a escola em contemplar “essas novas práticas de linguagem e produções” por uma abordagem crítica e ética, trazendo o contexto das Tecnologias de Informação e Comunicação para um debate sobre qualificação, inclusão e práticas de uso (BNCC, 2018, p. 69).

Essa consideração dos novos e multiletramentos; e das práticas da cultura digital no currículo não contribui somente para que uma participação mais efetiva e crítica nas práticas contemporâneas de linguagem por parte dos estudantes possa ter lugar, mas permite também que se possa ter em mente mais do que um “usuário da língua/das linguagens”, na direção do que alguns autores vão denominar de designer: alguém que toma algo que já existe (inclusive textos escritos), mescla, remixa, transforma, redistribui, produzindo novos sentidos, processo que alguns autores associam à criatividade (BNCC, 2018, p. 70).

Nesse sentido, tomamos os *memes* como exemplo de gênero digital presente de forma positiva e marcante no cotidiano dos alunos, pois refletem diretamente nas formas de comunicação e expressão desses enquanto leitores e produtores de sentido, incentivando-os a criar e assimilar discursos como forma de crítica ou ressignificação de aspectos da sociedade em textos multimodais.

Assim, tendo em vista as concepções mencionadas anteriormente, pretendemos analisar, por meio de uma abordagem teórica, as possibilidades da incorporação do gênero digital *meme* como ferramenta de ensino no meio educacional, que maximize a construção do pensamento crítico dos alunos, proporcionando uma aproximação entre o mundo digital e o educacional.

## 2. Gênero digital *meme*: multiletramentos e multimodalidade

As mais variadas formas de atividade humana ligadas aos diversos usos da linguagem, empregam a língua em enunciações que refletem as especificidades e finalidades de um determinado campo da comunicação (BAKHTIN, 2003). Assim, ao considerarmos esse postulado de Bakhtin, podemos compreender os gêneros digitais, por exemplo, criados para atender as especificidades e necessidades de comunicação das sociedades contemporâneas no século XXI, em um cenário de modernização e avanço tecnológico.

Por essa perspectiva, leva-se em consideração ainda, a teoria dos multiletramentos proposta pelo Grupo de Nova Londres em 1994, baseada na discussão sobre o futuro do letramento ao se considerar as rápidas mudanças sofridas no mundo em detrimento das questões tecnológicas e da informação (KALANTZIS; COPE, 2008 apud ORLANDO; FERREIRA, 2011), onde as novas formas de comunicação da contemporaneidade passam a ser permeadas intensamente por essas questões.

Nesse contexto, podemos apreender que através das novas ferramentas de comunicação e informação compostas por uma multiplicidade de linguagens, surge a necessidade de novas formas de letramentos, os denominados multiletramentos, abrangendo tanto aspectos multimodais quanto multiculturais. Atesta-se, ainda, que a contemporaneidade composta por essa multiculturalidade se expressa e se comunica por meio de textos multissemióticos (impressos ou digitais) constituídos por diversas formas de linguagem ou semioses – escrita, oralidade, imagens, vídeos, gráficos, cores, linhas, tamanhos, sons, entre outros – para atribuir significados (OLIVEIRA; AQUINO; MALTA, 2017).

Portanto, observa-se hodiernamente um cenário no qual a popularização das tecnologias como os computadores e smartphones, proporcionaram – através do acesso à internet – uma contínua exposição das pessoas a uma infinidade de gêneros multimodais ou multissemióticos materializados em textos por meio de múltiplas linguagens para a produção de significados, ou seja, criação de sentidos na comunicação (ROZA; MENEZES, 2019). Uma dessas manifestações dos gêneros multimodais é justamente o gênero digital *meme*, atualmente muito difundido pelas mídias sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *Whatsapp*, entre outras, principalmente com a ascensão e aperfeiçoamento das tecnologias digitais móveis.

O termo *meme* é originalmente citado pelo etólogo e biólogo britânico Dawkins (1979)<sup>5</sup>, para se atribuir a ideia de um replicador na transmissão cultural que se propaga de cérebro a cérebro em um processo de imitação. Apesar de ser uma perspectiva de *meme* distinta da utilizada no contexto das redes sociais, a ideia do *meme* como um replicador e como “unidade de imitação” (DAWKINS, 1979) ainda se adequa em algumas perspectivas ao *meme* da atualidade ao pensarmos a sua característica de propagação e ressignificação para diferentes contextos a depender da mensagem transmitida, tendo em vista a possibilidade de um único *meme* ser apropriado e redefinido, ganhando novas versões.

Na internet, o primeiro registro de uso do termo *meme* segundo Horta (2015) é de 1998 em um site chamado *Memepool* criado por Joshua Schachter, o qual reunia links virais e outros conteúdos de interesse dos usuários. O termo é retomado já no ano 2000 através do site *Contagious Media*, de Jonah Peretti, por um evento de virais da internet onde o *meme* foi ressignificado para definir a disseminação rápida de conteúdos pela internet.

---

<sup>5</sup> Na obra “O Gene Egoísta” (1979), durante o capítulo 11 “Memes: os novos replicadores”, Dawkins pensa o contexto da evolução humana, em especial o processo da evolução cultural, por uma analogia aos genes caracteristicamente replicadores, e propõe o uso do termo *meme* associado à ideia de transmissão cultural e imitação.

Por esses contextos, o *meme* acaba por se desvincular de sua ideia inicial e se ressignifica para o ambiente digital – expresso através de imagens, vídeos, frases, enunciados, e discursos na prática social –, onde se difunde amplamente pela *web* em consequência de fatores como a facilidade de criação e reprodução de informações nas mídias digitais. Assim, apresenta-se como um elemento característico do ambiente virtual devido a sua presença contínua nessas interações online, além da expressividade e potencialização de sentidos que carrega (MARTINO; GROHMANN, 2017).

O *meme* se trata então de um gênero usualmente caracterizado por combinar recursos imagéticos, orais, ou escritos, podendo ser interpretados a partir dessa relação. Ou seja, é constituído por características essencialmente multimodais, como textos difundidos através de desenhos, fotografias e sons combinados e editados entre si, para expressar mensagens de humor ou de cunho político, dentre outras temáticas. Além disso, depreende-se que a essência dos *memes* é análoga aos ditos populares, provérbios, bordões, entre outros, estabelecendo a ideia desses como frases e posicionamentos transmitidos entre as pessoas em processos de ressignificação (BOA SORTE; SANTOS, 2020).

Por caracterizar-se como um gênero digital propagado entre as plataformas e suportes da *web*, o *meme* é utilizado principalmente pelo público jovem, um grupo formado por indivíduos inseridos no contexto das tecnologias desde o nascimento, e usuários frequentes das redes sociais. Contudo, devido a sua construção na prática social, que se estende para várias esferas de atividade humana e constitui-se como um gênero de diversidade (BAKHTIN, 2003), o *meme* não só pode, como é utilizado por pessoas de diferentes faixas etárias por possuir infinitas finalidades nos meios de interação social.

### 3. O uso do *meme* como forma de crítica e ressignificação na prática social

Segundo dados da “TIC Domicílios 2019”, publicados pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), três a cada quatro brasileiros acessam a internet, o que equivale a 134 milhões de usuários (74%) – sendo o celular o dispositivo mais utilizado (99%). Esse quadro propicia um cenário para o relacionamento de diversas realidades sociais onde, à medida em que mais pessoas têm acesso à internet, mais esferas de atividade humana se integram no meio digital, criando contextos para o surgimento de novos gêneros ou transformando e desenvolvendo os existentes relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003).

É através dessa perspectiva que Bazerman (2005, apud BEZERRA, 2015, p.67), seguindo a linha de pensamento bakhtiniano, analisa o gênero como um “fenômeno de reconhecimento psicossocial”, criado a partir das finalidades adquiridas no uso da linguagem nos diversos campos de comunicação.

O gênero digital *meme* surge nesse contexto como um elemento de expressão cômica e crítica da população, realizada principalmente nas redes sociais, pela criação e ressignificação de suas realidades através da intertextualidade, utilizando diversos meios semióticos como textos escritos e/ou imagéticos (estáticos ou animados) para a construção de enunciados de forma multimodal. Justamente por estar ligado ao uso da linguagem na prática social, esse gênero é geralmente informal, não possui rigor estético e, quando formado por elementos textuais escritos, carrega traços da oratória.

Assim, buscando compreender essa produção de sentidos nos *memes* pela prática social e ressaltar a relevância de seu uso no meio educacional, analisaremos a seguir alguns exemplos desse gênero com temáticas educativas, de humor, de reflexão e sensibilização de problemáticas atuais.

**Figura 1. Meme “Eis a questão”**



Fonte: Memedroid<sup>6</sup>, por zTpxhd (2018).

No *meme* acima (figura 1), tem-se uma intertextualidade feita a partir da menção à famosa frase de William Shakespeare, “ser ou não ser, eis a questão”. Originalmente encontrada no monólogo do personagem principal da peça teatral “A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca” (1603, Ato III, Cena I), referindo-se ao dilema existencial no qual Hamlet se encontrava em meio ao desejo de vingar a morte de seu pai, a frase foi ressignificada em uma cena na qual o personagem não consegue decidir sobre qual dos botões apertar. Essa associação é feita, ainda, pelo recorte do rosto de Shakespeare sobreposto ao do personagem do desenho.

A obra referenciada no *meme* possui, por si mesma, uma variedade de interpretações dos sentidos trazidos no monólogo de Hamlet, possivelmente em detrimento da linguagem e escrita do autor, o contexto da época

<sup>6</sup> Memedroid é uma plataforma *web* gratuita criada em 2013, também disponível na versão aplicativo para *smartphones*, voltada para a criação e recriação de *memes*. Funciona, também, como uma rede social ao possibilitar interações entre os usuários nas avaliações dos *memes* produzidos e compartilhamento em outras redes sociais como *Facebook* e *Twitter* (TECHTUDO, 2019).



retratada, bem como a mudança de perspectivas e surgimento de novas visões teóricas e literárias na atualidade. Portanto, o discurso representado no dilema do personagem pode representar tanto uma perspectiva existencial de vida e morte no sentido biológico, quanto o “viver com autenticidade, e integridade” do ponto de vista pessoal e da sociedade que o cerca (OBVIOUS, 2015).

Hamlet, ao suspeitar que seu pai havia sido assassinado pelo seu tio Claudio, rei da Dinamarca, encontra-se perdido em reflexões sobre buscar ou não vingança, ponderando as consequências de seus atos e amargurando-se das maldades do mundo:

Ser ou não ser, eis a questão: será mais nobre  
Em nosso espírito sofrer pedras e flechas  
Com que a Fortuna, enfurecida, nos alveja,  
Ou insurgir-nos contra um mar de provocações  
E em luta pôr-lhes fim? Morrer.. dormir: não mais.  
Dizer que rematamos com um sono a angústia  
E as mil pelejas naturais-herança do homem:  
Morrer para dormir... é uma consumação  
Que bem merece e desejamos com fervor.  
Dormir... Talvez sonhar: eis onde surge o obstáculo:  
Pois quando livres do tumulto da existência,  
No repouso da morte o sonho que tenhamos  
Devem fazer-nos hesitar: eis a suspeita  
Que impõe tão longa vida aos nossos infortúnios<sup>7</sup>

(SHAKESPEARE, 1976, Ato III, Cena I).

O aspecto cômico desse exemplo consiste justamente na intertextualidade feita entre o discurso aflito de Hamlet – já ressignificado no cotidiano para situações onde as pessoas encontram-se em dilemas existenciais ou de como se posicionar diante de um acontecimento – e um *meme* amplamente difundido no meio digital, adaptado para várias situações onde o foco principal é a tomada de decisão representada por meio de elementos textuais verbais e não verbais.

Isso gera uma infinidade de sentidos textuais implícitos possíveis a serem captados pois, por se tratar de um enunciado popularizado na prática social, essa frase é utilizada por muitos que desconhecem suas origens nos monólogos do personagem Hamlet feitos em angústia. Assim, a mensagem propagada é geralmente a intenção de representar a dúvida, tornando a apreensão dos sentidos desse *meme* acessível a um público amplo.

---

<sup>7</sup> Na versão original da peça, escrita por William Shakespeare (1603, Ato III, Cena I), lê-se “to be, or not to be, that is the question: whether 'tis nobler in the mind to suffer the slings and arrows of outrageous fortune, or to take arms against a sea of troubles, and by opposing end them? To die, to sleep, no more; and by a sleep to say we end the heart-ache, and the thousand natural shocks that flesh is heir to: 'tis a consummation devoutly to be wished. To die, to sleep; to sleep, perchance to dream – ay, there's the rub: for in that sleep of death what dreams may come, when we have shuffled off this mortal coil, must give us pause – there's the respect that makes calamity of so long life”.

Ou seja, numa concepção interacional e dialógica da língua (KOCH, 2003), mesmo referenciado a essa obra específica, o contexto para interpretação e construção dos sentidos desse *meme*, bem como a mobilização de estratégias cognitivas necessárias, não requer a inserção do indivíduo no campo literário, principalmente pela forma na qual o texto está construído linguisticamente. Requer, contudo, que o mesmo tenha tido contato com suas significações difundidas socialmente no caso de não conhecer a obra e mobilize seus conhecimentos prévios, pois a ausência de ambos os contextos sociocognitivos compromete seu efeito cômico.

Assim, esse *meme* torna-se um exemplo do gênero apropriado para o uso em sala de aula por possibilitar o desenvolvimento de questões de interpretação e produção textual, intertextualidade e, principalmente, literatura referente a obra de William Shakespeare. Isso porque, através de uma discussão que envolva a atenção e interesse dos alunos, é possível propôr-se, a partir desse exemplo, a criação de *memes* nos quais a obra literária estudada seja intertextualizada, por paráfrase ou paródia, facilitando o processo de aprendizagem e engajamento dos leitores.

Um exemplo de *meme* que poderia ser criado sob essa perspectiva seria o apresentado na figura 2 que, ao abordar também uma obra de Shakespeare, faz uma paródia da famosa cena da tragédia “Romeu e Julieta” (1591-1595), na qual o casal comete suicídio pela perda de seu grande amor em um cenário de mal-entendidos, ao apontar a reação precipitada de Romeu em se matar sem verificar se Julieta estava, de fato, morta.

**Figura 2. Meme “Romeu e Julieta”**



Fonte: Pinterest<sup>8</sup>, por Loz (2020), editado por nós.

<sup>8</sup> Pinterest é uma rede social criada em 2009, com acesso gratuito disponível nos formatos *web* e aplicativo, voltada para o compartilhamento de ideias e inspirações em imagens (VIVADECORAPRO, 2020).



Na cena original, Romeu toma veneno pois pensa ter perdido sua amada ao receber, de um ajudante do Frei Lourenço, a notícia de que ela havia cometido suicídio. Porém, tudo se tratava de uma morte fictícia planejada por Julieta e o frei para livrar a moça de um casamento arranjado, e momentos depois ela acorda encontrando Romeu já morto ao seu lado, findando por suicidar-se também no momento de desespero. Essa história, pertencente ao contexto literário do século XVI no qual foi produzida, é trabalhada com uma trama de emoção e sofrimento para compor a tragédia do amor proibido trabalhada por Shakespeare na mesma, deixando nos leitores o anseio de um desfecho diferente para o casal.

Essa é justamente a intenção presente no *meme*, ao comparar a situação com a imagem na qual um garoto se estica para vencer vários degraus da escada ao invés de subir um de cada vez, em um *meme* bastante difundido nas redes sociais para representar momentos onde pessoas se precipitam ou pulam etapas. Associadas a essa cena, os degraus representam de forma cômica as diversas opções que Romeu teria antes de decidir suicidar-se.

Nesse caso, o próprio enunciado do *meme* propicia alternativas para discussões de interpretação e compreensão textual da história, podendo ser debatido entre os alunos questões como o fato de que Romeu poderia ter buscado Frei Lourenço para questioná-lo sobre o ocorrido ou verificado como Julieta não aparentava estar de fato morta, em contrapartida a aspectos da época retratada na história, bem como a forma na qual uma mudança na trama poderia descaracterizar a intenção de tragédia na obra produzida por Shakespeare.

No caso da cena a qual esse *meme* faz referência, por se tratar de uma temática mais específica e menos ressignificada na prática social do que o anterior, o processo de construção dos sentidos requer a inserção do indivíduo em esferas de atividade humana (BAKHTIN, 2003) nas quais haja um contato com referências à essa obra literária, bem como a movimentação de estratégias cognitivas que auxiliam a compreensão dos sentidos implícitos no texto, obtidos “quando se tem, como pano de fundo, o contexto sociocognitivo dos participantes da interação” (KOCH, 2003, p. 17).

Em ambos exemplos anteriores, adotamos a perspectiva de Koch (2003) por uma concepção interacional e dialógica da língua e a noção dos campos discursivos de Bakhtin (2003) para afirmar a relevância do gênero digital *meme* em seu uso da linguagem na prática social para os multiletramentos no ambiente educacional, principalmente a partir do momento em que ele movimenta estratégias cognitivas de interpretação, colocando o sujeito como um ator e construtor social e o texto como um lugar de interação, onde ocorre um processo de análise e reflexão do objeto a partir do contexto cognitivo do indivíduo.

Analisaremos agora um exemplo do gênero digital *meme* em que o enunciado busca criticar e problematizar a conduta de grande parte da população brasileira, frente às recomendações e pedidos da comunidade científica, profissionais da saúde, e algumas autoridades, sobre a necessidade de se manter um

distanciamento físico e práticas de higiene na situação de pandemia enfrentada em território nacional desde março de 2020.

No *meme* (figura 3), ocorre uma intertextualidade dos discursos surgidos na relação entre essas recomendações e o comportamento de uma expressiva parcela da sociedade de não respeitar os protocolos de distanciamento físico e formar aglomerações, representada como uma cena de diálogo entre o apresentador Carlos Alberto de Nóbrega e a personagem Bizantina Escatamáquia Pinto, mais conhecida como Velha Surda da Praça, no famoso programa de humor “A Praça é Nossa”<sup>9</sup> da emissora SBT.

**Figura 3. Meme “O brasileiro é igual a velha surda da praça”**



Fonte: Instagram<sup>10</sup>, por Não Entre Aki (2020), editado por nós.

Essa intertextualidade entre a problemática social em questão e o contexto de “A Praça é Nossa” é possibilitada pelas características do próprio programa, o qual se passa em um banco de praça onde as pessoas conversam diversos assuntos relevantes em nosso país, abordando de forma cômica e crítica questões como a desigualdade social, política e corrupção, economia, a figura da mulher, os estereótipos, entre outros.

<sup>9</sup> “A Praça é Nossa” é um programa de humor brasileiro da emissora SBT, apresentado por Carlos Alberto de Nóbrega desde 7 de maio de 1987, e vai ao ar às quintas-feiras, às 23h15 segundo o horário de Brasília. Originalmente, o programa se chamava “A Praça da Alegria” e foi transmitido na TV Paulista – atual TV Globo – de 1957 a 1976, onde a personagem Bizantina Escatamáquia Pinto, interpretada pelo humorista Roni Rios, teve suas primeiras aparições (SBT, 2021).

<sup>10</sup> *Instagram* é uma rede social gratuita criada em 2010, atualmente com acesso disponível para *web* e aplicativo, voltada para a interação de usuários a partir da publicação de fotos e vídeos, publicidade, venda e compra de produtos, divulgação de notícias e informações, dentre outros (APPLE STORE, 2018).

Além disso, o quadro da *Velha Surda da Praça* utilizado como principal meio de significação do enunciado, propicia não somente uma visão cômica da população que, assim como a sra. Bizantina, sempre compreende algo diferente do que foi dito, como também expõe a crítica: o descaso da população perante o estado crítico vigente, onde não se dá ouvidos ou simplesmente não se quer ouvir e seguir as recomendações ensinadas e divulgadas amplamente nos veículos de comunicação.

Ao referir-se à população brasileira, a crítica pode ser estendida também a vários governantes atuantes de forma contrária ao esperado pelo bem comum, os quais são flagrados constantemente pelos canais de notícia desrespeitando as normas de isolamento físico e higienização, preventivas contra a disseminação do Covid-19. Em uma matéria publicada no G1 (2021)<sup>11</sup>, por exemplo, é exposta a conduta de parlamentares durante uma coletiva de imprensa realizada no Palácio Guanabara, onde “o governador, o candidato à presidência da Câmara e outros convidados ficaram todos aglomerados”, dentre os quais muitos não usavam máscaras.

Nesse caso, a implementação dessa temática em sala de aula poderia ser feita através do uso desse *meme* em conjunto com outros textos – como a matéria jornalística mencionada –, de modo a potencializar o ensino sobre gêneros, discursos e interpretação textual. Cano & Celestino (2006), por exemplo, consideram esse tipo de abordagem como uma forma de aproximar o aluno do que está sendo ensinado, facilitando o processo de compreensão da abrangência e contexto das questões discutidas.

Apresentando-se, assim, como um ótimo exemplo para a realização de debates em sala de aula, esse *meme* possibilita a elaboração de discussões sobre responsabilidade e conscientização social, para trabalhar a desconstrução e reconstrução de valores dos alunos incentivando-os a pensar o coletivo, onde “meu bem-estar só se dá em função do bem-estar da sociedade onde estou inserido” (RAJAGOPALAN, 2020, 12:39 min). Ou seja, é possível desenvolver o pensamento crítico dos alunos através dos *memes* – sob a perspectiva dos multiletramentos –, pois os mesmos viabilizam um diálogo com outros gêneros, outros textos, acontecimentos sociais, políticos, e econômicos a partir das variadas temáticas no qual se objetiva abordá-los.

#### 4. A utilização do gênero digital *meme* em sala de aula: perspectivas da docência

Tendo em vista o contexto de globalização, com os avanços tecnológicos e o surgimento de novas formas de comunicação, torna-se necessário que o professor se aproprie das tecnologias utilizadas no cotidiano dos alunos para diminuir a lacuna existente entre a escola e o mundo exterior (PAIVA, 2011). Sendo assim, a Era

---

<sup>11</sup> A matéria intitulada “Feriado no Rio tem praias lotadas e cenas de desrespeito às regras de isolamento” foi escrita por Pedro Figueiredo e publicada no Portal de Notícias da Globo, G1, no dia 21 de janeiro de 2021. O conteúdo da matéria expõe, inicialmente, a aglomeração de pessoas nas praias do Rio de Janeiro durante o feriado no início do ano onde, mesmo com espaços de pouca lotação, “era difícil encontrar alguém caminhando ou pedalando de máscara no rosto”, finalizando com a demonstração de que essas condutas se estendem, também, para as autoridades do país.

Digital demanda meios de agregar a prática docente às ferramentas e linguagens presentes no ambiente virtual (OLIVEIRA; AQUINO; MALTA, 2017). Ou seja, é necessário ressignificar as práticas sociais consideradas exteriores ao processo de ensino-aprendizagem e torná-las partes significantes desse processo. Nesse contexto, o gênero digital *meme* tão difundido no círculo social dos alunos pode se tornar um potencial ferramenta multimodal de ensino, auxiliando no desenvolvimento das competências linguístico-discursivas dos estudantes (OLIVEIRA; AQUINO; MALTA, 2017).

Para apropriar-se dessas ferramentas e desenvolvê-las em sala de aula de forma eficiente, o professor precisa não apenas estar familiarizado com os procedimentos básicos do meio digital, mas principalmente com as práticas dos novos letramentos, ter vivenciado durante sua formação inicial tanto as bases teóricas quanto as dinâmicas da prática, de modo a garantir uma abordagem crítica e ética dos aspectos que envolvem a linguagem nos mais diversos contextos (ORLANDO; FERREIRA, 2013).

Portanto, abordar os multiletramentos e gêneros digitais como o *meme*, em sala de aula, requer dos docentes um conhecimento acerca da diversidade e riqueza dos gêneros discursivos enquanto prática social, bem como de sua expressividade nas semioses dos meios multimodais, para que as concepções e conceitos surgidos no cotidiano dos alunos sejam trabalhadas de forma crítica e reflexiva em sala de aula a fim de reconstruí-las, reafirmando o papel dos professores e alunos como “potenciais agentes de mudanças sociais” (ORLANDO; FERREIRA, 2013, p. 420).

Como forma de orientar e nortear os princípios de qualidade e coerência do sistema educacional a nível nacional, foram criados Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino fundamental e médio das escolas brasileiras, a serem adotados na elaboração dos Projetos Político Pedagógicos pelos grupos atuantes em cada instituição de ensino, segundo as particularidades regionais. Nesses parâmetros encontramos, como mencionado anteriormente, prescrições para uma abordagem didática dos textos que circulam na sociedade e estão presentes na vida dos estudantes, como é o caso dos memes (BRASIL, 1997).

Nesse sentido, compreendemos que a figura docente surge de forma marcante nesse cenário por estar inserida como agente ativo nas salas de aula – assim como os alunos –, vivenciando diariamente as necessidades e dificuldades surgidas no processo pedagógico, sejam elas de infraestrutura e apoio material, ou mesmo provenientes das particularidades sociais, econômicas, e culturais dos alunos. Ou seja, o professor é, dentre os indivíduos atuantes em uma instituição de ensino, o principal conhecedor dos implementos necessários para uma abordagem eficiente dos letramentos, multiletramentos, e gêneros digitais em sala de aula – e necessita ser ouvido como tal nos processos e decisões pedagógicas e didáticas da escola.

Além dos PCNs, os aspectos educacionais das instituições de ensino públicas e privadas do Brasil também são guiados pela Base Nacional Comum Curricular, um documento de caráter normativo que orienta as questões curriculares e pedagógicas do ensino. No tocante aos gêneros digitais, o documento pontua a imprescindível

necessidade de se abordarem em sala de aula as novas linguagens e formas de comunicação utilizadas no meio digital, para que sejam instituídos “novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes” (BNCC, 2018, p. 61).

Portanto, consideramos de extrema importância que as autoridades e órgãos responsáveis pelo sistema educacional brasileiro propiciem um ambiente no qual o professor possua as condições necessárias e adequadas para desenvolver seu plano de ensino em sala de aula, de modo a garantir acessibilidade a esses novos horizontes para todos os estudantes e permitir um melhor desenvolvimento do ensino nas escolas.

Os professores possuem, nesse cenário, a necessidade de adotar as orientações dos documentos mencionados cabíveis ao contexto dos gêneros digitais nas perspectivas dos multiletramentos, bem como o desafio de adequá-las às possibilidades disponíveis no contexto das diversas instituições de ensino distribuídas pelo país, que dispõem de diferentes e desiguais condições econômicas e estruturais, e estão inseridas nos mais diversos recortes socioculturais.

Assim, as concepções aqui discutidas apontam a importância de o professor compreender e otimizar os mecanismos que possui ao seu alcance para desenvolver, com os alunos, novos conhecimentos e possibilidades de estudo no ambiente escolar, aproximando-os do que está sendo ensinado em processos de interpretação, compreensão, e ressignificação dos textos multimodais que circulam em contextos nos quais estão inseridos.

## 5. Considerações finais

O texto apresentado tem por finalidade dialogar o uso do gênero digital *meme* em sala de aula como ferramenta multimodal para o desenvolvimento dos letramentos e multiletramentos e, através de uma abordagem teórica, demonstrar sua importância para a construção de um ambiente de reflexão e ressignificação de textos no contexto educacional, bem como de aprimoramento do senso crítico dos alunos enquanto leitores e agentes do conhecimento.

E, por alunos como agentes do conhecimento, referimo-nos a suas figuras como sujeitos ativos com identidades em construção e ressignificação, seres plurais e diversos em desenvolvimento e transformação. Pois, ao interpretarem discursos e contextos, ressignificam o conhecimento de acordo com suas vivências e experiências, para além dos portões da escola. Nesse processo, o professor é apenas o mediador do conhecimento para que os alunos possam ampliar suas capacidades intelectuais, contribuindo para a criação de um ambiente crítico e construtivo.

De acordo com as concepções apresentadas durante o texto, fica nítida a capacidade plural que o *meme* possui como método de ensino multimodal de interpretação e compreensão de sentidos ao proporcionar a maximização do senso crítico dos alunos, ampliar suas possibilidades de aprendizagem através da análise das

relações entre gêneros na prática social e intertextualidade, além de abordar as informações e discursos que circulam no meio digital de forma crítica e analítica.

Ressaltamos, assim, a relevância e as possibilidades que o trabalho educacional com diferentes gêneros possui pois, como afirma Bakhtin (2003), a riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos está refletida na infinidade das relações sociais estabelecidas nos diversos campos de atividade humana.

## Referências bibliográficas

APPLESTORE. **Instagram na App Store.** Disponível em: <<https://apps.apple.com/br/app/instagram/id389801252>>. Acesso em: 23 jan 2021.

BEZERRA, B. G. Equívocos no discurso sobre gêneros. In.: DIONÍSIO, A. P.; CAVALCANTI, L. P. (Org.). **Gêneros na linguística e na literatura: Charles Bazerman: 10 anos de incentivo à pesquisa no Brasil.** Recife: Ed. Universitária da UFPE/Pipa Comunicação, 2015. p. 63-80. Disponível em: <https://issuu.com/pipacomunica/docs/generos-na-linguistica-e-literatura>. Acesso em: 23 jan. 2021.

BOA SORTE, P.; CARMO ANDRADE SANTOS, J. DO. Memes em aulas de língua inglesa. **Revista Educação em Questão**, v. 58, n. 55, 7 fev. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/18439>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 22 jan. 2021.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília, 1997. Disponível em: <<https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-01-introducao-aos-pcns.pdf>>. Acesso em: 22 jan 2021.

CANO, M. R. de O.; CELESTINO, R. A linguagem como acontecimento social: formando leitores e produtores de discursos. In: **Linguagem e ensino do texto: teoria e prática.** (Orgs.) NASCIMENTO, L.; ASSIS, L. M. de; OLIVEIRA, A. M. de. São Paulo: Blucher, 2016. p. 81-92. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/linguagem-e-ensino-do-texto-teoria-e-pratica-315/list#undefined>. Acesso em: 20 jan. 2021.

CETIC. TIC Domicílios 2019: principais resultados. 2020. Disponível em: <[https://cetic.br/media/analises/tic\\_domicilios\\_2019\\_coletiva\\_imprensa.pdf](https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf)>. Acesso em: 21 jan 2021.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta.** Tradução de Geraldo H. M. Florsheim. Editora Itatiaia Limitada em coedição com a EDUSP - Editora da Universidade de São Paulo. Belo Horizonte - São Paulo, 1979. Disponível em: [https://www2.unifap.br/alexandresantiago/files/2014/05/Richard\\_Dawkins\\_O\\_Gene\\_Egoista.pdf](https://www2.unifap.br/alexandresantiago/files/2014/05/Richard_Dawkins_O_Gene_Egoista.pdf). Acesso em: 22 jan. 2021.



HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet**: uma perspectiva semiótica. 2015. 191 f., il. Dissertação (Mestrado em Comunicação) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/18420>. Acesso em: 21 jan. 2021.

INSTAGRAM. **Meme**: o brasileiro é igual a velha surda da praça. Disponível em: <https://www.instagram.com/?hl=pt>. Acesso em: 21 jan 2021.

KOCK, I. G. V. Concepções de língua, sujeito, texto e sentido. In: **Desvendando os Segredos do Texto**. Cortez, ed. São Paulo; 2002, p. 11-74. Disponível em: [https://www.academia.edu/9880835/Desvendando\\_os\\_segredos\\_do\\_texto\\_Ingedore\\_Koch](https://www.academia.edu/9880835/Desvendando_os_segredos_do_texto_Ingedore_Koch). Acesso em: 20 jan. 2021.

MARTINO, L. M. S.; GROHMANN, R. A longa duração dos memes no ambiente digital: um estudo a partir de quatro geradores de imagens online. **Revista Fronteiras** - estudos midiáticos, v. 19, n. 1, jan./abr. 2017. p. 94-101. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2017.191.09>. Acesso em: 22 jan. 2021.

MEMEDROID. **Meme**: eis a questão. Disponível em: <https://pt.memedroid.com/>. Acesso em: 21 jan 2021.

OBVIOUS. **Ser ou não ser**: eis a questão. Sílvia Marques, 2012. Disponível em: [http://obviousmag.org/cinema\\_pensante/2015/09/ser-ou-nao-ser-eis-a-questao.html](http://obviousmag.org/cinema_pensante/2015/09/ser-ou-nao-ser-eis-a-questao.html). Acesso em: 21 jan 2021.

OLIVEIRA, M. A.; LIMA NUNES MALTA, D. P.; SILVA AQUINO, A. A. Práticas de letramento e multimodalidade: uma análise sobre o uso do gênero “meme” na sala de aula. **Revista do GELNE**, v. 19, n. 2, 4 jul. 2017. p. 62-77. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/12046>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ORLANDO, A. F.; FERREIRA, A. de J. Do letramento aos multiletramentos: contribuições à formação de professores(as) com vistas à questão identitária. **Revista Travessias**. v. 07, n. 07, 2013. p. 414-431. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/8360/6302>. Acesso em: 20 jan. 2021.

PAIVA, Vera. A tecnologia na docência de línguas estrangeiras: convergências e tensões. In: FRADE, Isabel Cristina da Silva et. al. (org.). **Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 595-613. Disponível em: [http://endipe.fae.ufmg.br/livros/Livro\\_1.pdf](http://endipe.fae.ufmg.br/livros/Livro_1.pdf). Acesso em: 20 jan. 2021.

PINTEREST. **Meme**: Romeu e Julieta. Disponível em: <https://br.pinterest.com/>. Acesso em: 21 jan 2021.

RAJAGOPALAN, K. **Linguagem e sociedade em tempos de isolamento**. ABRALIN, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/BVjUjK1Ep4k>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ROZA, Edleide Santos; MENEZES, Ângela Maria De Araújo. Multimodalidade: Ampliação e Ressignificação dos Sentidos – Novas Conexões em Ambiente Escolar. In: AZEVEDO, I. C. M. de; COSTA, R. F. **Multimodalidade e Práticas de Multiletramentos no Ensino de Línguas**, São Paulo: Blucher, 2019. p. 123-146. Disponível em: <https://openaccess.blucher.com.br/article-list/9788580394085-443/list#undefined>. Acesso em: 20 jan. 2021.

SHAKESPEARE, William. Ato III, Cena I. In.: SHAKESPEARE, William. **A tragédia de Hamlet, príncipe da Dinamarca**. 1603. Tradução de Péricles Eugênio da Silva Ramos. Editora Abril, 1976. ISBN. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser\\_ou\\_n%C3%A3o\\_ser](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ser_ou_n%C3%A3o_ser). Acesso em: 21 jan 2021.

\_\_\_\_\_. **Romeu e Julieta**. 1597. Tradução de Ridendo Castigat Moraes. Ebooks Brasil, 2000. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/romeuejulieta.pdf>>. Acesso em: 21 jan 2021.

SBT. **A praça é nossa**: fique por dentro. Disponível em: <<https://www.sbt.com.br/variedades/a-praca-e-nossa#fique-por-dentro>>. Acesso em: 23 jan 2021.

TECHTUDO. **Memedroid**: app grátis permite fazer memes no celular. 2019. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/tudo-sobre/memedroid.html>>. Acesso em: 23 jan 2021.

VIVADecORAPRO. **Pinterest**: Como Usar? O que é? Um Guia Para Você Ter um Perfil Matador na Plataforma. FONSECA, Lucas. 2020. Disponível em: <<https://www.vivadecora.com.br/pro/marketing-digital/como-usar-o-pinterest/>>. Acesso em: 23 jan 2021.